

## Orelha para Heyk Pimenta

Como um poeta irrompe na cena poética, na cidade? Como se muda a cena toda, como um verdadeiro poeta sempre intervém, muito mais o que deixa como está, muito mais do que fotografa, muito mais do que comenta? Com um sopro. Com um chupão. “anoitecendo não é mais de areia que se/ constrói castelos/ e as estrelas voam raso sobre as dunas nas/ luas de janeiro”.

Heyk Pimenta abre seu “Sopro sopro” significativamente com um poema intitulado “A rua do tempo”. Não, por exemplo, a rua do mundo – título de um livro de Eucanaã Ferraz, no qual a rua surge como metáfora do mundo, e a imagem do mundo como rua – mas a rua do tempo. Sopro sopro: o corpo em movimento – “Passando na rua/ Hoje achei ter te visto/ Deu frio na barriga”: o corpo inteiro, os encontros.

Ontem no fim do dia, exausto, fui atravessar a Voluntários. Eu, já o velho do chupão? Não vinha carro, apenas um, lá longe, deva tempo, correndo, fui... Não dei nem um passo, e susto: trombada com uma menina, que vinha na contramão, de bicicleta. Isso é o destino? Isso é a poesia? Poderíamos ter nos machucado, ambos. Mas, por milagre, continuamos vivos. Por milagre, estamos vivos. Só quando chego em casa noto a mancha de sangue no sapato: o dedão do pé foi atropelado.

Ela diz que eu deveria olhar para os dois lados antes de atravessar. Será que ensinaram isso na creche onde ela estuda? Eu digo que ela estava na contramão. Será que fugiu do asilo de velhos?, ela deve pensar.

Há um conflito de gerações? Não, com certeza, não. Não se trata disso. A caretece não tem idade; nem as aventuras. Jovens poetas como Heyk Pimenta, Augusto de Guimarães Cavalcanti, Ana Tereza Salek, entre inúmeros outros, estão resgatando uma tradição constituída pela poesia brasileira que passa por Murilo Mendes, Jorge de Lima, Roberto Piva, Cláudio Willer e desemboca numa riquíssima gama de poetas presentes, por exemplo, na antologia “Inquietação-Guia”, lançada pela Azougue no ano passado.

Na introdução a esta antologia, Ítalo Moriconi compara o “núcleo” Azougue (editora onde Heyk já trabalhou e pela qual editou dois livros), com o núcleo “Inimigo Rumor”, contrapondo uma estética da eloquência, uma ênfase na visceralidade e uma referência à fala, do lado da Azougue, à uma estética do rigor, a ênfase na *cosa mentale* e a busca da forma e da sintaxe do outro. Poderíamos acrescentar: a poesia em fluxo no tempo, de um lado, em oposição ao poema no espaço, preferido pelos poetas da

“Inimigo Rigor” (vide, por exemplo, a quase obsessiva referência à fotografia e seus dispositivos nos poemas de Carlito Azevedo).

No entanto, não se trata de uma divisão, de uma guerra, de uma luta por territórios e por uma definição de quem está ou não com a razão – risível achar que a poesia pode ser reduzida à uma fórmula ou outra. Careta é pensar desta maneira, como se o mundo não fosse grande e não pudesse abarcar todos os gestos – desde que sejam gestos de potência. A poesia de Heyk Pimenta é um potente gesto poético (de corpo inteiro) que vem ajudar a resgatar e atualizar uma forte tradição da poesia brasileira que foi injustamente colocada de lado pela supremacia concretista-cabralina das últimas décadas. Bem-vindo, Heyk, ao salutar movimento de ampliar o leque das nossas possibilidades.

Renato Rezende